

APRESENTAÇÃO

ERA UM DOMINGO, DIA 31 DE MAIO DE 1903, quando a *Gazeta de Notícias* veiculou, pela primeira vez, no canto superior direito da página 2 de sua edição diária, a coluna “A cidade”. Assinada por X., seu objetivo ficou logo evidente: “acompanhar, de passo em passo, o trabalho do renascimento. Um aviso, um conselho, um reparo, uma censura, um elogio – tudo haverá, de quando em quando, nesta curta e sóbria coluna”. E assim foi feito ao longo dos seus dez meses de publicação. Paulo Barreto, autor por trás do pseudônimo, acompanhou o que chamou de renascer do Rio de Janeiro, que então iniciava um longo processo de reformas urbanas sob o comando de seu prefeito Pereira Passos.

Paulo Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro. Filho único de um positivista fervoroso, o gaúcho Alfredo Coelho Barreto, professor de matemática do colégio Pedro II, e de mãe mestiça, dona Florência, cresceu no centro da cidade que viu, ainda criança, tornar-se capital da República. Criado em meio à incipiente classe média urbana, observou a cidade transformar-se diante de si, enquanto construía, desde muito jovem, sua carreira de jornalista. Foi um dos pioneiros do jornalismo profissional no país, tendo sempre vivido somente de seu trabalho nas redações, algo muito improvável na geração anterior de literatos, que tinham nos jornais uma atividade complementar aos seus ofícios como funcionários públicos, advogados, professores etc.

Em 1º de junho de 1899, aos 17 anos, Paulo Barreto teve seu primeiro texto publicado em *A Tribuna*, jornal de Alcindo Guanabara. Assinado com seu nome próprio, era uma crítica, intitulada “Lucília Simões”, sobre a peça *Casa de bonecas*, de Henrik Ibsen, então em cartaz no Teatro Santana, atual Teatro Carlos Gomes. Depois, passou a contribuir para o jornal

Cidade do Rio, de José do Patrocínio, em que escreveu críticas literárias e teatrais assinadas como Claude. Nesse início de carreira, passou ainda pelo *O Dia* e o *Correio Mercantil*,¹ mas foi na *Gazeta de Notícias*, onde ingressou em 1903, que conseguiu se consolidar como repórter, tornando-se um dos mais celebrados jornalistas de seu tempo.

Nesse jornal, criou João do Rio, pseudônimo que ganhou fama com sua conhecida série de reportagens “As religiões do Rio”, na qual descortinou para os leitores, entre fevereiro e abril de 1904, nada menos do que 23 modalidades de práticas religiosas presentes na capital. O enorme sucesso da série, publicada em livro no ano seguinte, consolidou sua fama como cronista e personagem da vida urbana carioca dos primeiros anos do século xx.

O pseudônimo, todavia, antecede a referida série. Embora muitos trabalhos sobre Paulo Barreto indiquem que o surgimento de João do Rio se deu na reportagem “O Brasil lê”, saída na edição da *Gazeta de Notícias* de 26 de novembro de 1903, encontram-se aqui três textos assinados com o célebre pseudônimo anteriores a essa data: as crônicas “O prefeito”, “A irmã Paula” e “Perfil de ministro”, publicadas respectivamente, na coluna “A vida do Rio”, nos dias 3, 10 e 17 de maio de 1903.

A decisão de incluir essa pequena série no presente volume se baseia em duas constatações. A primeira delas, mais evidente, é a de que se trata de um importante registro, ainda inédito, do processo de construção de João do Rio como personagem e autor. A segunda, não menos importante, a de que “A vida do Rio” anuncia, em sua forma e sentido, o perfil da série “A cidade”, que sedimentaria o lugar de Paulo Barreto como observador da vida urbana em seus múltiplos planos.

Esta coletânea, portanto, reúne as 112 crônicas da série “A cidade”, publicadas entre maio de 1903 e março de 1904, e as três da coluna “A vida do Rio”, assinadas como João do Rio. Os textos são curtos e, na maior parte das vezes, foram estampados, com periodicidade irregular, na segunda página do jornal. Com o passar do tempo, tornaram-se bem mais espaçados, tendo chegado a permanecer, na parte final do período de sua publicação, uma semana sem serem veiculados.

1 João do Rio contribui nesses jornais e em outros entre janeiro de 1901, quando sai do *Cidade do Rio*, e março de 1902. Só volta a escrever na imprensa em maio de 1903, ao entrar na *Gazeta*. Nesse meio tempo, não teve sucesso em seguir a carreira diplomática. Cf. João Carlos Rodrigues. *João do Rio – vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 40–1.

Em todas essas crônicas, o autor faz referência a algum aspecto da cidade, profundamente marcada pelo ambicioso projeto de reformulação urbanística então em curso. Neles, não se furta de demonstrar entusiasmo diante das mudanças em marcha e, não raro, preocupação diante de eventuais empecilhos ao seu transcurso. Elogia os novos jardins, com uso de flores naturais; apoia a proibição do entredo, hábito que considerava atrasado; comemora a reforma do Passeio Público, local que passara a ser frequentado pelas famílias; celebra a primeira regata do ano na praia de Botafogo; e anima-se com o crescimento dos divertimentos noturnos na cidade, vendo-o como sinal do progresso. Por outro lado, denuncia a permanência das ruínas de prédios antigos, sem qualquer tipo de conservação ou utilização; reclama do problema da febre amarela e do medo em relação à vacina contra varíola; e inquieta-se com os projetos arquitetônicos dos novos prédios da avenida Central, por considerá-los incompatíveis com uma cidade moderna.

A série, em seu conjunto, é um importante testemunho sobre um período já bastante estudado da história do Rio de Janeiro e que aqui se descortina sob um ponto de vista ainda pouco conhecido. Entre o entusiasmo e a preocupação, Paulo Barreto nos dá elementos para compreender não apenas aspectos menos conhecidos das transformações materiais da cidade naquele momento, como também, e sobretudo, aspectos da vida social da então capital como arena de disputas entre diferentes formas de viver e experimentar o urbano.

Embora muitos textos de João do Rio estejam publicados em coletâneas organizadas por ele próprio ou por pesquisadores, os da coluna “A cidade” não foram encontrados por nós em nenhuma edição. Por vezes, alguns trabalhos de pesquisa acadêmica citam a existência da coluna, indicando um ou outro texto desse material, porém nenhum se propôs a organizá-lo como feito aqui, em que as crônicas se encontram dispostas na sequência de publicação e foram reproduzidas diretamente de sua versão original.

Além da atualização ortográfica e da inserção de notas explicativas que visam facilitar o entendimento do leitor, ao aproximá-lo de acontecimentos e expressões da época em que as crônicas foram escritas, optamos por corrigir, de acordo com o sentido da frase, os raros casos em que havia erros tipográficos ou faltava alguma letra ou palavra. O uso de palavras estrangeiras, principalmente do francês, muito frequente nos escritos do autor, nesta e em outras séries, foi mantido como no original, indicando-se

a sua tradução para o português no pé de página. Procuramos, ainda, fornecer a localização de ruas e monumentos cujos nomes desde então se alteraram.

Na ocasião em que o Rio de Janeiro acaba de comemorar seus 450 anos, em meio a um novo processo de reformulação urbanística, estamos certas de que esta edição se constitui num material relevante para aqueles que querem conhecer um pouco melhor essa cidade por intermédio do olhar de um dos seus observadores mais atentos nos primeiros anos do século xx.

Julia O'Donnell

Lara Jogaib